

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

Elisa Lucinda
é uma das
autoras
selecionadas
pelo projeto

Masculinidade
em debate
em 'Por Que
Não Nós?'



PÁGINA 3

Capital Inicial
retoma veia
autoral em EP
de inéditas



PÁGINA 4

A distopia de
Orwell sob
as lentes de
Raoul Peck



PÁGINA 6

Poesia para ver, ouvir e espalhar

Plataformas digitais
recebem no dia 5
o Projeto ODE, que
reúne poetas brasileiros
contemporâneos
declamando suas obras
em audiovisuais de
apurada produção

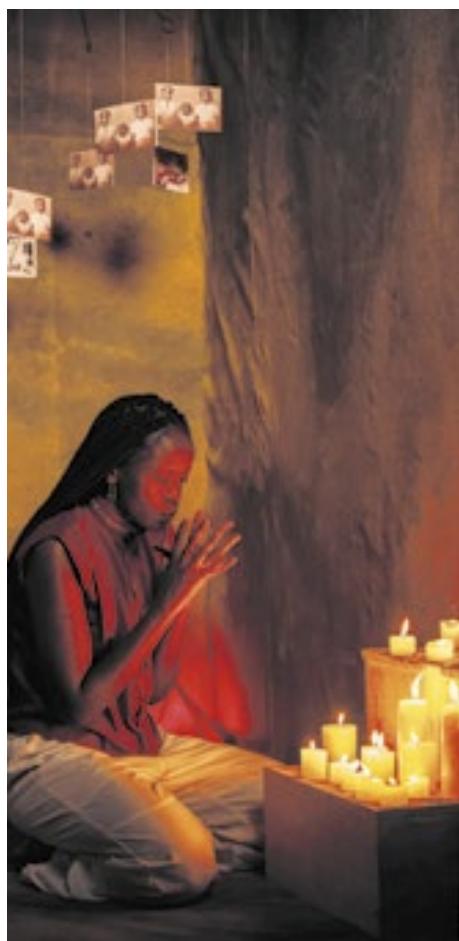
Por AFFONSO NUNES

Ezra Pound disse que "o poeta é a antena da raça". Para Maiakóvski, "a rima do poeta é carícia, slogan, açoite, baioneta". Herbert Viana indicou que "o poeta é a pimenta do planeta, malagueta". E Fernando Pessoa foi além ao vaticinar que "o poeta é um fingidor, finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente". A poesia vive entre nós, no dia a dia, em expressões populares como a "conversa do pé do ouvido" ou "morto de fome", mas o Brasil não valoriza a poesia e

talvez, por isso, faça pouco do livre pensar e criar.

A poesia brasileira contemporânea, essa instituição invisível a olho nu, está prestes a ganhar um novo espaço de circulação com uma linguagem visual inédita que, quem sabe, consiga nos aproximar daqueles que cometem versos por aí. O projeto ODE, que estreia em todas as plataformas de streaming no próximo dia 5, faz da surrada declamação poética um produto audiovisual de qualidade técnica e estética, levando ao público 25 vozes da atual geração de autores brasileiros.

Continua na página seguinte



MC Martina

Com produção executiva da Sony Music e direção de Henrique Ligeiro, a ODE se apresenta como resposta à efervescência que a poesia vem experimentando nas redes sociais nos últimos anos, mas propõe um salto de qualidade em relação aos vídeos caseiros e os stories de Instagram. Não é um audiobook e tampouco um sarau digital.

“Realizar a ODE é um modo de agradecer à poesia por me lembrar, sempre, que a vida fica maior quando vista e dita com emoção”, destava Bruno Levinson, diretor criativo e idealizador do projeto ODE. Ex-gerente de marketing da Sony, ele foi o criador do festival Humaitá Pra Peixe, um celeiro de poetas cariocas.

O conceito central do projeto, explica ele, é valorizar a performance como elemento essencial da experiência poética. Cada um dos 25 episódios traz um poeta declamando sua própria criação em cenários cuidadosamente escolhidos, com fotografia cinematográfica e sonorização profissional em diálogo com o conteúdo de cada criação poética, construindo uma narrativa visual que amplifique os sentidos do poema, ou seja, o fluxo das palavras torna-se experiência sensorial.

“Meu objetivo foi sempre criar um espaço onde a poesia pudesse dialogar com o tempo presente sem perder sua potência lírica”, ex-

Não é audiobook nem sarau digital



Michel Melamed

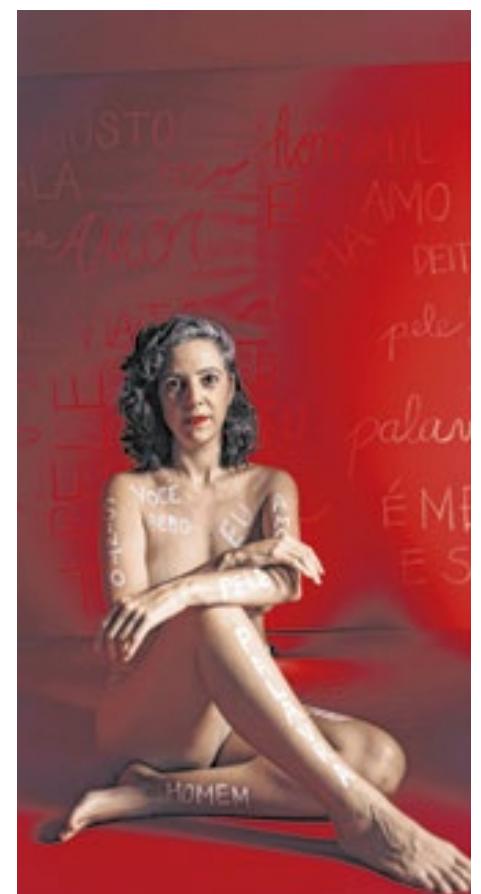


Victor Isensee

plica o diretor Henrique Ligeiro, o cineasta que assina a direção de todos os episódios. Ele conta que buscou desenvolver uma estética que evitasse o academicismo e a superficialidade típica do conteúdo de redes sociais. O resultado são pequenos curtas-metragens que funcionam como peças autônomas, mas que juntos compõem um mosaico da diversidade poética brasileira.

“Meu objetivo foi sempre criar um espaço onde a poesia pudesse dialogar com o tempo presente sem perder sua potência lírica”, ex-

Fotos Natália Elmor/Divulgação



Maria Rezende

o ODE visa atingir o público jovem, hoje o principal consumidor de poesia nas redes sociais, um público que há tempos migrou do consumo linear de televisão para o universo do streaming sob demanda.

Esse movimento de aproximação entre poesia e meios digitais não é exatamente novo, mas o formato do ODE refina o que lá circula nas redes sociais. Nos últimos anos, plataformas como Instagram e TikTok viram surgir uma geração de “instapoetas” que conquistaram milhões de seguidores publicando versos curtos em formato de imagem ou vídeo. Embora esse fenômeno tenha democratizado o acesso à poesia e revelado novos talentos, também provocou debates acalorados sobre a qualidade literária dessa produção e sobre os limites entre poesia, autoajuda e frases de efeito.

O diretor de fotografia Pedro Urano é o responsável pela composição visual dos episódios. Cada poeta foi filmado em ambientes que dialogam simbolicamente com sua obra ou trajetória. Essa atenção aos detalhes aproxima ODE da linguagem do videoclipe autoral e do curta-metragem experimental.

A estreia simultânea dos 25 episódios em 5 de dezembro permite que o espectador desenhe seu próprio percurso. Resta saber se a iniciativa conseguirá, de fato, conquistar novos públicos para a poesia ou se ficará restrito aos já convertidos.

Na seleção dos 25 poetas nomes consagrados dividem espaço com vozes emergentes. Entre os destaques está a participação de Mauro Santa Cecília, poeta e letrista mineiro que faleceu em fevereiro, pouco depois de gravar seu episódio. As imagens captadas pela equipe de ODE acabaram se tornando um dos últimos registros audiovisuais do autor.

O projeto reúne ainda nomes como Alice Ruiz, cuja obra transita entre poesia e música há décadas; Sérgio Vaz, fundador da Cooperaifa e uma das principais vozes da poesia periférica paulistana; e Elisa Lucinda, atriz e poeta. A lista inclui ainda Rodrigo Garcia Lopes, tradutor e poeta paranaense de reconhecimento internacional; Tatiana Nascimento, poeta lésbica negra que articula poesia e ativismo; e Ricardo Aleixo, experimentalista que explora as fronteiras entre palavra, voz e performance. Completam o projeto Fabrício Corsaletti, Bruna Beber, Marília Floôr Kosby, Michel Melamed, Davi Calazans, Bráulio Bessa, Luiza Romão, Luís Henrique Pellanda, Priscila Pasko, Angélica Freitas, Clarice Freire, Cida Pedrosa, Lino Machado, Luna Vitrolira e Adão Iturrusgarai.

Ao disponibilizar os episódios em plataformas como Spotify, Deezer e Apple Music,

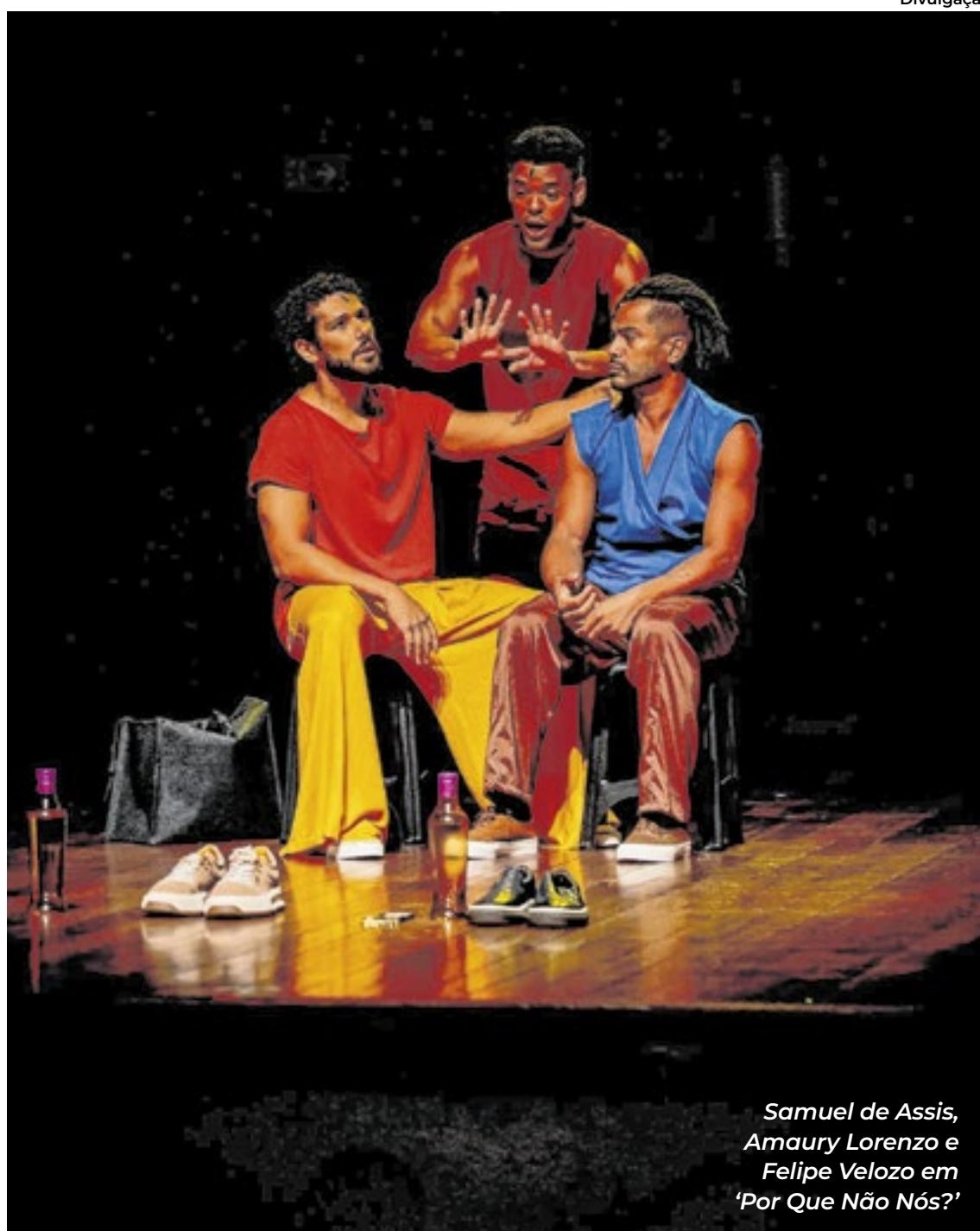
Silêncios da masculinidade

Em 'Por Que Não Nós?', três atores transformam amizade de 18 anos em reflexão sobre educação emocional masculina e papéis de gênero

Nesta segunda-feira (1) o Teatro Gláucio Gill apresenta "Por Que Não Nós?", comédia dramática que nasce da amizade de três atores e se transforma em provocação sobre como a sociedade educa homens para a supressão de sentimentos. Escrita por Júlia Spadaccini e dirigida por Débora Lamm, o espetáculo integra o "Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias" que celebra os 60 anos do teatro e que chega ao seu término nesta terça-feira.

Samuel de Assis, Amaury Lorenzo e Felipe Velozo se conhecem há quase duas décadas, desde os anos 2000, quando migraram de Salvador, Aracaju e Minas Gerais para o eixo Rio-São Paulo apostando tudo na carreira artística. A amizade começou lentamente, mas ganhou intensidade quando passaram a morar no mesmo prédio no Rio. "Acabou que a gente virou a nossa rede de apoio. São três pessoas de fora, morando no Rio por causa do trabalho", disse Samuel em entrevista ao portal Metrópoles.

A decisão de transformar essa amizade em espetáculo foi orgânica. "A gente começou a viralizar nas redes fazendo essas palhaças, e aí a gente falou: precisamos botar no palco, porque somos três pessoas que vêm do teatro", relembra. No enredo, três atores ensaiam para espetáculo onde interpretam personagens femininas — Ângela, Celeste e Catarina — que se apoiam mutuamente durante o término de um relacionamento. O texto embaralha constantemente o que é ensaio, o que é performance e o que é vida



Samuel de Assis,
Amaury Lorenzo e
Felipe Velozo em
'Por Que Não Nós?'

pessoal dos três homens em cena.

A dramaturgia investiga a chamada masculinidade tóxica. O bordão "homem não chora" persiste na sociedade, impedindo que homens

revelem emoções, sentimentos e angústias que carregam escondidos. A sociedade cobra dos homens postura de força, coragem, frieza — nunca emotividade. "O que

impede é a nossa criação machista e sexista", afirma Samuel. O que Júlia Spadaccini e Débora Lamm fizeram foi criar espaço onde essa criação opressora pudesse ser exa-

minada através do riso, da comédia, sem pesadez desnecessária.

"A gente levanta as questões, expõe! A discussão acerca de tudo isso é feita no pós-peça! Tudo feito de uma maneira leve, engraçada e dinâmica!", detalha Samuel. E Amaury Lorenzo enfatiza a importância do teatro para esse tipo de debate. "O teatro pode, e muito, contribuir para os debates que brotam das questões de gênero, no mundo em que vivemos, que estão fervilhando e reclamando outros modos de discussão", pontua.

Para Samuel, a capacidade de falar sobre questões pessoais veio através de terapia. "Muitos anos de terapia me fizeram começar a me abrir pro mundo!", destaca o ator que acumula 25 anos de carreira. Felipe Velozo reforça essa busca por compreensão: "Quisemos entender como somos atingidos pela contenção do que sentimos, mesmo rindo das ansiedades e das angústias que essa contenção provoca."

Felipe também exalta o trabalho das mulheres que compõem o espetáculo, particularmente a direção de Débora Lamm. "O grande acerto foi a gente ter a direção de uma mulher. Eu acho que Débora trouxe soluções cênicas brilhantes para a construção do nosso espetáculo." Também destaca Júlia Spadaccini como autora que "derrama o olhar dela de mundo, de sociedade. E nós contribuímos com as nossas questões, as nossas dores, nossas experiências, nossos amores. Eu acredito que o diálogo desse time fez a gente não derrubar, mas dissolver minimamente os muros."

A saúde emocional de homens, suas parceiras e parceiros está no foco desta montagem que percorreu o país e contribui para que tanto seus atores quanto o público passem a ver com outros olhos o universo emocional masculino, reconhecendo que vulnerabilidade não é fraqueza, mas uma chave para conexões verdadeiras.

SERVIÇO

POR QUE NÃO NÓS?

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana) | 1/12, às 20h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Encontro com a autoralidade

Capital Inicial retoma o caminho das composições próprias no EP 'Movimento', fechando o longo ciclo da turnê comemorativa dos 25 anos de seu icônico 'Acústico'

Por Affonso Nunes

Há quatro décadas no centro da cena do rock brasileiro, o Capital Inicial volta a investir em material autoral com o lançamento do EP "Movimento", que desembarcou nas plataformas digitais na última quinta-feira (28). Composto por seis faixas, o trabalho marca uma virada de página após o ciclo comemorativo dos 25 anos do álbum acústico da banda, que resultou em uma turnê com mais de 500 mil espectadores e presença no festival The Town, onde dividiu o Palco Skyline com nomes como Green Day e Bruce Dickinson.

"Movimento" representa uma tentativa de atualização sonora sem abandono das raízes punk do Capital. A banda brasiliense buscou produtores de outras gerações e vertentes para tocar o projeto: Douglas Moda, que trabalhou com Luís Sonza, e Marcelinho Ferraz, ligado ao Charlie Brown Jr., assinam a produção, enquanto Thiago Castanho e Kiko Zambianchi aparecem como colaboradores nas composições. Zambianchi, é bom lembrar, assina "Primeiros Erros", um dos maiores sucessos do grupo.

Com bilhões de streams acumulados nas plataformas digitais e presença constante nos principais festivais do país, Fê Lemos, Flávio Lemos, Dinho Ouro Preto e Yves Passarel mantêm-se ativos num mercado que mudou radicalmente desde sua estreia, em 1982. A trajetória do Capital inclui dez participações no Rock in Rio, indicações



ao Latin Grammy e um repertório que jamais ficou datado. O desafio, portanto, é provar que ainda há espaço para material inédito em meio a um público geralmente interessado no repertório clássico da banda.

O vocalista Dinho Ouro Preto reconhece que a longevidade do Capital está ligada à disposição de arriscar. "Acredito que o Capital chegou tão longe justamente por

sempre olhar para o futuro, por sempre procurar contribuições novas, produtores novos, por sempre estar pensando no passo seguinte a ser dado. Foi com isso na cabeça que procuramos o Douglas Moda e o Marcelinho Ferraz. Queríamos um disco que apontasse novas direções, no entanto sem perder nossa essência, nossa identidade. Esse equilíbrio nem sempre é um

feito fácil de se alcançar, principalmente para uma banda veterana. Mas acredito que conseguimos. O Capital está ali, mas um pouco diferente", avisa.

O primeiro single, "Você Me Ama de Verdade", chegou no início de novembro com clipe dirigido por Bernardo Perpetuo e apresenta uma abordagem que mescla guitarras elétricas com batidas programadas. Já "Mistério", parceria com Thiago Castanho, apostava em riffs mais pesados e atmosfera densa, revelando um lado mais visceral do grupo. "Liga Pra Mim" retoma a urgência melódica que marcou o rock alternativo dos anos 2000, enquanto "Cores de Maio", feita com Kiko Zambianchi, explora camadas sensíveis e melódicas do pop rock.

A faixa "Sentido do Fim" fecha a sequência de inéditas com uma reflexão sobre despedidas e reencontros, tema que ecoa diretamente o momento vivido pela banda após o intenso ciclo celebrativo. O EP ainda traz um remix de "Você Me Ama de Verdade" produzido por Doom Mix, visando as pistas de dança.

"É revigorante poder se arriscar por caminhos novos e parcerias inéditas. Acho que o Douglas e o Marcelinho trouxeram ao Capital um tempero, um sotaque distinto sem que perdêssemos nossa personalidade. O EP "Movimento" é um disco com um pouco de tudo: guitarras distorcidas, violões, sintetizadores e até cordas. O que une essa variedade sonora é uma produção que nos conduziu rumo a um EP cujo título, 'Movimento', não poderia traduzir melhor o que queríamos dizer aos nossos fãs. Nós nunca estamos parados. Queremos nos arriscar. Nós acreditamos que seja possível experimentar e lançar sonoridades inesperadas enquanto nos divertimos - tanto nós, quanto nossos fãs", defende Dinho.

O resultado deste "Movimento" será testado não apenas nas plataformas digitais, mas principalmente nos shows, onde o público dirá aos quatro músicos se as novas composições serão capazes de conquistar espaço e, quem sabe, se colocar na mesma prateleira dos hits consagrados da banda.

Um novo Gus Van Sant que faz jus a ‘Elefante’

‘63 Horas de Pânico’, filme mais recente do diretor que foi um dos pilares da representação queer nas telas, passa glorioso pela maratona cinéfila marroquina, com fôlego para Oscars



FESTIVAL INTERNATIONAL DU FILM DE
MARRAKECH
المهرجان الدولي للفيلم بمراكش
EXXO - XOKH - XEGG - XCQ - XC



Gus Van Sant (ao centro, com os organizadores do Festival de Veneza) com seu troféu honorário

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Laureado em Veneza, há três meses, com um troféu honorário pelo conjunto de uma obra que fez – e faz – história na representatividade queer e na briga por espaço para narrativas indies, Gus Green Van Sant Jr. passou um tempão longe da telona, dedicado a projetos serializados, ao fim da carreira internacional de “A Pé Ele Não Vai Longe” (2018). O hiato de sua presença em circuito se encerra com pompa, a julgar pelo oceano de aplausos que inunda qualquer sala de exibição na qual ele projeta “63 Horas de Pânico” (“Dead Man’s Wire”).

A sessão no 22º Festival de Marrakech, na última sexta-feira, foi uma prova de que o diretor de 73 anos, ganhador da Palma de Ouro de Cannes (em 2003) por “Elefante”, reencontrou a rota da consagra-

ção depois de um longo período de águas calmas em sua trajetória de marés criativas.

A escolha dessa produção independente rodada em apenas 20 dias em Louisville, no Kentucky (cidade natal do cineasta) como atração de abertura do evento marroquino cumpriu com a atual diretriz do evento: investir em grifes de prestígio em paralelo à triagem de talentos 0 KM. Apoiado nos acordes de seu habitual parceiro de trilhas sonoras, o compositor Danny Elfman, Van Sant presenteou o Marrocos com um thriller eletrizante sobre ética e sobre como é difícil a mídia empregar essa palavrinha com consciência. O radialista vivido por Colman

Domingo levanta esse debate ao contrariar essa máxima. “Prestes a filmarmos, perdi o diretor originalmente escalado, que desistiu do serviço. Procurei outros dois que também não seguiram nesse projeto, até que cruzei com



Bill Skarsgård e Dacre Montgomery estrelam *Dead Man's Wire* (“63 Horas de Pânico”), que marca a volta de Gus Van Sant à direção de longas-metragens, num regresso coroado com a sessão de abertura do 22

Gus Van Sant e senti que aquela trombada com ele era um sinal. Falei da minha ideia, mostrei o roteiro e ele só respondeu: ‘conseguimos filmar logo?’. Falei que íamos falar em Louisville e ele: ‘É a cidade onde eu nasci’. Ou seja... foi mesmo um sinal”, disse o produtor britânico Cassian Elwes na abertura de Marrakech, representando o time artístico por trás de “63 Horas de Pânico”, que tem o medalhão de excelência Al Pacino em destaque. Elwes levantou o filme com base numa história real ocorrida em 1977, em Indiana. O caso: um homem chamado Anthony George Kiritsis entrou na corretora de valores com a qual tinha um imbróglio relativo a uma hipoteca milionária e fez um dos proprietários da empresa, Richard Hall, de refém. Ele manteve uma espingarda de cano cerrado apontada ao pescoço do rapaz, prendendo a arma ao pes-

coço da vítima com um arame. Por culpa daquele fio metálico, a polícia não teve como reagir, pois o mínimo movimento em falso estouraria a cabeça de Hall. A situação pirou a imprensa no fim da década de 1970, que documentou o caso ostensivamente – com toques de sensacionalismo. Há imagens de arquivo do Kiritsis real ao fim de “63 Horas de Pânico”, que adota um viés crítico ao incluir um apresentador de rádio badalado, Fred (que Colman interpreta com esplendor) para comentar aquela brutalidade no ar e ser testemunha do sequestrador – que era fã de seus programas. Werner Herzog é listado em várias fontes como sendo o cineasta que filmaria esse enredo. Só que o mestre alemão por trás de “Fitzcarraldo” (1982) não seguiu com Elwes, deixando espaço para Van Sant assumir as rédeas. O sueco Bill Skarsgård, o palhaço assassino de “IT, A

Coisa” (2017), é quem interpreta Kiritsis, apoiado nos incalculáveis recursos gestuais que tem. Dacre Montgomery vive Hall, cujo pai (e verdadeiro “vilão” da história) é encarnado por Al Pacino. Tratado como um candidato em potencial para as estatuetas da Academia de Hollywood, “63 Horas de Pânico” é o trabalho de maior eco de Van Sant depois de “Milk – A Voz da Igualdade” (2008) e de “Paranoid Park” (2007), drama metafísico que confirmou uma guinada filosófica na travessia autoral do diretor. Ambas as produções, lançadas no fim dos anos 2000, rompiam com o passado mais folhetinesco em que Gus se encontrava quando fez “O Gênio Indomável” (1997) e “Encontrando Forrester” (2000). Trata-se de um exercício radical de linguagem, que levou adiante até “Inquietos” (2012). “Quando eu fiz meu primeiro longa, ‘Mala Noche’, em 1986, gastei tudo o que ganhei dirigindo publicidade e tirando fotografias para bancar o meu sonho de filmar com liberdade.

Era uma história de amor gay, em P&B, feita por um anônimo. Deu certo: virei cineasta, fiz carreira, mas nunca criei ilusões em relação ao afeto popular. Há filmes que agradam, outros, não. Mas o que importa é poder dar o seu recado a partir deles, com o máximo de empenho e verdade”, disse Van Sant num papo com o Correio da Manhã em Cannes, ao fazer um balanço de sua filmografia, em busca do propósito humanista que o guia. “Fiquei muito tempo olhando para a juventude. ‘Elefante’ nasceu do meu interesse pela adolescência. Agora é hora de falar das angústias dos adultos”.

O 22º Festival de Marrakech segue até o dia 6 de dezembro, quando o júri presidido por Bong Joon Ho, o diretor do oscarizado “Parasita” (2019), anuncia as produções vitoriosas, na análise de 13 concorrentes. Karim Aïnouz, realizador cearense consagrado por “A Vida Invisível” (2019) e “Madame Satã” (2002), é um dos jurados. O encerramento reserva espaço para a projeção do épico “Palestina 36”, de Annemarie Jacir, com Jeremy Irons.

Vigilância ao alcance do Ctrl + Alt + Del

Festival marroquino debate a manipulação midiática em diferentes latitudes, apostando em documentário de Raoul Peck sobre o livro '1984', onde nasceu o conceito do 'Big Brother'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Controle midiático é um dos assuntos centrais do 22º Festival de Marrakech, a se destacar o filme de abertura, "63 Horas de Pânico" ("Dead Man's Wire"), de Gus Van Sant, no qual um sequestro vira o estopim para um jogo de controle social envolvendo rádio e TV. O papel dos media em prol de regimes totalitários eclode nas coças que o mundialmente premiado épico "Era Uma Vez Em Gaza" dá nas formas como se noticia as lutas do Oriente Médio em prol da liberdade palestina. A sessão dessa produção dos irmãos Tarzan & Arab Nasser, agendada para a noite desta segunda, é das mais concorridas de todo o evento marroquino até aqui. Mas é na terça que a maratona cinéfila do Marrocos recebe o mais afiado longa-metragem de



'Orwell: 2+2=5', de Raoul Peck, aborda a alienação midiática

2025 acerca das deformações inerentes à desinformação: o ensaio documental "Orwell: 2+2=5", do haitiano Raoul Peck. O livro "1984" está em seu foco.

Prenunciado pela literatura há 76 anos, o cataclisma coercitivo do romance de George Orwell (1903-1950), no qual uma inteligência digital vigia cada pobre diabo deste planeta, ganha novos (e mais alarmados)

ecos na arte, a julgar pela narrativa de Peck. Ela se constrói em sintonia com um momento da História em que o ChatGPT e miolos eletrônicos afins passam a substituir gente de carne e osso nas seleções laborais. Os algoritmos de redes sociais que mapeiam nossos desejos sem a nossa demanda ou autorização são uma evidência de que o Grande Irmão (o Big Brother) criado por Orwell nas páginas

de "Nineteen Eighty-Four" (1949) extrapolou a ficção.

Indicado ao Oscar por "Eu Não Sou Seu Negro" (2016), o cineasta alarga o conceito de biografia ao partir de Orwell e da sua distopia literária para devassar os estratagemas midiáticos para reduzir as mentes pensantes a gado. A palavra ao lado, "gado", tem ainda mais peso quando se sabe que o romancista em foco escreveu "A Revolução dos Bichos" (1945), no qual um porco chamado Napoleão resolve controlar os demais animais.

No longa de Peck, Orwell é classificado como um branco britânico fora de seu habitat, nascido numa Índia de segregação feroz no seu regime de castas. A escolha dele como eixo é narrativo uma forma de Peck entender como o Velho Mundo instaurou a intolerância como prática de hierarquização, sem perceber que estava a ser devorado por uma besta faminta que povoou (os EUA) com o intuito de expandir os seus domínios e disseminar as suas línguas.

"Num espelho da manipulação midiática de '1984', os documentários hoje passam por uma nova cilada com o streaming. É verdade que a demanda pelo formato documental aumentou, mas as plataformas impõem um processo de seleção que se pauta por critérios comerciais", disse Peck, em entrevista ao Correio da Manhã em Cannes, na feitura de "Orwell: 2+2=5". "O que importa na demanda são biografias de celebridades e histórias sobre crimes reais. O documentário que eu faço se pauta pela criação. Eu lido com arquivos, porque meu papel político é recuperar a História."

No cinemão, inclusive em terras brasileiras, o filmaço "O Sobrevivente" ("The Running Man"), de Edgar Wright, é mais uma vitrine de discussão sobre os abusos das telecomunicações.

Ser ou não ser um concorrente ao Oscar



'Hamnet' acompanha os bastidores da vida familiar de Shakespeare

Esta noite no Marrocos, Marrakech vai viajar no tempo até a Inglaterra de 1580, em balado nas imagens que Chloé Zhao construiu em "Hamnet", filme vencedor da láurea de júri popular do Festival de Toronto e considerado um potencial concorrente ao Oscar de 2026. Sua realizadora ganhou a estatueta de Melhor Direção de Hollywood em 2021 por "Nomadland", que lhe rendeu ainda o Leão de Ouro de Veneza.

Seu personagem agora Will, um professor de latim sem dinheiro, tem como sobrenome Shakespeare. O papel é de Paul Mescal.

O sujeito conhece Agnes, uma jovem de espírito livre, vivida com ardor por Jessie Buckley. Fascinados um pelo outro, os dois iniciam um romance apaixonado, acabando por se casar e ter três filhos.

Enquanto Will tenta a sorte como dramaruco em Londres, Agnes assume sozinha todas as responsabilidades domésticas. Quando uma tragédia acontece, o vínculo do casal, antes profundamente unido, começa a vacilar. No entanto, é a partir das dificuldades compartilhadas que nasce a inspiração para uma obra-prima do teatro. (R. F.)

CRÍTICA / FILME / A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS

Um porvir com alma de criança

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Na rota dos onze primeiros (e notáveis) prêmios que “A Natureza das Coisas Invisíveis” somou desde sua sessão inaugural, na mostra Generation da Berlinale, na Alemanha, desenha um mapa de alguns dos festivais mais relevantes do mundo na atualidade quando assunto central é inclusão. Recém-chegada ao circuito, essa produção veio do Centro-Oeste, com CEP no DF e vetores territoriais em Goiás. A direção de Rafaela Camelo, notável sobretudo no trato com seu elenco mirim, é um alvo de carícias no gosto da crítica por onde quer que passe.



Divulgação

'A Natureza das Coisas Invisíveis', uma pérola brasiliense coroada em festivais

Em sua trama, Glória, de dez anos (vivida com encantamento por Laura Brandão), acompanha

sua mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, em um ambiente hospitalar onde

pacientes de idade avançada padecem de moléstias diversas. A garota já conhece o local e costu-

ma explorá-lo sozinha. Tem um passivo de enfermidade, expressa por uma marca em seu peito. Um dia, ela conhece Sofia (vivida por Serena), que tem a mesma idade e está lá por causa da bisavó (Alice Marta Maia), uma curandeira espiritual. Essa senhora sofre de Alzheimer, mas ainda faz suas invocações. A mãe da garota (papel de uma inspirada Camila Mártila) já não sabe mais como lidar com a impaciência de Sofia. A aproximação dessa mulher com Antônia também fomenta a cumplicidade entre as duas protagonistas de dentes de leite, enquanto o roteiro envereda por uma discussão de identidade de gênero.

Fala-se da arte de crer, da arte de tolerar o que parece diferente, da arte de brincar e da arte de duvidar da ditadura do realismo, em sua brusca matéria de cimento armado. A direção de arte de Sarah Noda é um dos alicerces (visuais) para a dimensão lúdica que o longa alcança em sua tentativa de entender os porvires de um mundo educado pela pedra e pelo individualismo.

CRÍTICA / FILME / QUASE DESERTO

O CEP da solidariedade

Divulgação

Na reta final de 2025, parece difícil que apareça um plano de encerramento de filme (que se lance já em meio aos créditos) mais bonito do que o de “Quase Deserto”. É o melhor filme de Jim Jarmusch que Jim Jarmusch não dirigiu, pois quem filmou foi José Eduardo Belmonte. Tem eco forte do diretor americano mais “maluco beleza” de todo o cinema nesse novo filme do artista formado no DF que nos deu “Meu Mundo Em Perigo” (2007) e “Gorila” (2012). É metade “Daubailô” (1986), metade “Estranhos no Paraíso” (1984), só que com Vinícius de Oliveira, o órfão em busca do pai de “Central do Brasil” (1998), já adulto, a brilhar na tela.



Alessandra Negrini em 'Quase Deserto'

Seu roteiro talvez seja a mais prospectiva abordagem para a rotina de estrangeiros em terras distantes. No caso, um brasileiro (Vinícius, bem à pampa) e um argentino (Daniel Hendler) se arvoram a tentar a sorte numa Detroit que é um oceano de perigos, nos EUA pós-pandemia.

Tem uma participação de se aplaudir de pé de Alessandra Negrini, coruscante sobretudo na sequência de uma entrevista de visto. O mais forte de “Quase Deserto” é mostrar o que (ainda) é ser latino no país que reelegeu Trump. No jeitinho brasileiro, a truculência vai se debelando e fica o afeto, o que faz desse Belmonte uma carta de intenções para o futuro, reivindicando dias melhores, numa geopolítica de solidariedades. (R. F.)

Carioquices

Um carioca genuinamente da gema gabaria este questionário; o quanto você é carioca?

Onde o buraco é mais embaixo; no Lume, no Padre ou na Lacaria?

A melhor batata é a do Marechal ou do Coronel?

Escondidinho ou Sujinho?

Jogo de Bola é na rua ou no Campinho?

Charm têm Madureira ou a Danusa Leão?

O Sargento Pimenta gera Fogo e Paixão?

Quem anda descalça a Carmelita ou Clássica?

Insulano pode ser o 'gentílico' dos moradores de que áreas do Rio?

Se o Leblon é cercado de água por todos os lados – dois canais, Lagoa e o mar – podemos dizer que é uma ilha na Zona Sul?

Mate, limão, meio a meio, pingado... vai um choro?

Quantas Penhas, Vargens, Cosmos, Coelhos, Engenhos e Rochas têm o Rio?

Se o Dragão Chinês o Alex é Moraes?

Oitis ou Acácias?

A Freguesia dá duas possibilidades?

Quais montanhas têm nomes dados a peças de embarcações?

Sacopenapã é princesinha?

Celacanto provoca maremoto, mas amor por favor, gentileza gera gentileza?

Geraldino ou arquibaldo?

O Oswaldo bate em alguém?

Se a boca do Quintino é uva, que sabor tem a Boca do Mato?

Arco é do Teles, da Lapa ou da Velha?

A Praia é de Ipanema ou do Théo-Filho!

Roniquito ou Rony Cócegas?

Doce ou salgado?

Dicró ou Bezerra?

Da feira do Adão ou do Degrau?

Tupi, Turiaçu ou Piraquê.

Não deformam, não soltam as tiras e não têm cheiro e todo carioca usa... até com terno.

Do Peixoto, da Glicério ou da Lavradio?

Bip-bip ou Pavão?

Toneleiro, Tonelero, Toneleiros ou Toneiros?

Botânico ou Lage?

Ajuda ou Melvin Jones; Larga ou Floriano?

Rio de Janeiro ou Cidade Maravilhosa?

Carioquices são assim esse imenso cenário, esse turbilhão de luz. São Sebastião só Rio, de janeiro a janeiro, porque em fevereiro eu sambo, em março são águas, em abril as cores do Santo Guerreiro, em maio ensaio, em junho eu canto, em julho me espanto, agosto eu gosto, setembro me enroscô, outubro é próspero, novembro nem lembro que já é quase dezembro.

